Rubi



Camila de Almeida

Camila de Almeida

Rubi

2010

Independente

Rio de Janeiro

França Porto de Bordeaux 26 de maio de 1870

Era outono, período que as colheitas são realizadas, quando o navio a vapor La Guienne vindo do Rio de Janeiro ancorou na cidade de Bordeaux com suas mercadorias e passageiros, um deles chamado Emanuel de Almeida, que apesar dos seus vinte e oito anos já era considerado um grande importante fazendeiro e negociante de café.

Emanuel estava em sua cabine particular da primeira classe que não era nem um pouco modesta, toda talhada em madeira. De quem está na porta da entrada olhando para o interior do ambiente, vimos duas janelas do lado direito com vista para o mar, uma cama forrada com lençóis brancos de seda localizada abaixo das janelas e cortinas românticas em azul marinho com detalhes em branco, do outro lado um armário, um sofá, uma mesinha com uma bacia cheia de água e um espelho. Os móveis acompanhando o modelo do quarto, também talhados em madeira, combinavam sutilmente com as cortinas.

Emanuel olha pela janela e logo avista a bela cidade de Bordeaux, após conferir suas malas e uma pasta média de couro preto onde levava documentos importantes a qual dificilmente se separava, ele seguiu para o desembarque. Descendo a rampa do navio o belo rapaz de cabelos negros e ondulados, olhos castanhos, pele clara e corpo robusto, logo percebe um cavalheiro trajando fraque e segurando uma espécie de papel escrito seu nome em letras grandes, este era o contato designado pela empresa a qual faria negócio, eles se cumprimentaram e seguiram para o hotel onde o cafeicultor ficaria hospedado. Lá chegando, ambos se despediram marcando para se verem em outro momento, assim que Emanuel estivesse descansado da viagem. Ele deixa suas bagagens ao lado do guarda-roupa, vai até a bacia de prata com água sobre a mesa, lava o rosto e as mãos, vai até a janela e admira a paisagem que o inspira a conhecer as charmosas ruas de pedra da cidade.

Com as mãos nos bolsos da calça, distraído com as moças que passavam mandando-lhe risinhos e olhares discretos, alguma coisa do outro lado da calçada havia feito Emanuel congelar naquele momento. Ele simplesmente parou com os olhos ofuscantes e bem abertos, estava prestando atenção em cada movimento da bela senhorita que acabara de avistar em uma floricultura, pensou estar vendo uma miragem e piscou os olhos apertando-os, e quando os abriu, ainda estava lá a linda moça de longos cabelos ruivos,

olhos verdes, pele rosada, um pouco magra, mas com suas curvas em perfeita harmonia. Foi quando sem se dar tempo para pensar, rapidamente desceu, atravessou a rua e entrou na pequena lojinha de flores. Logo que entrou, com os olhos esperançosos, procurou pela moça que apareceu à sua frente, ao se virar rapidamente, com um sorriso gracioso como o de uma criança e uma voz aveludada, a senhorita de vestes simples e com um avental perguntou:

Senhorita
– Je peux aider-seigneur?

Emanuel não entendendo o que a moça dizia, gesticulou perguntando em português;
– Desculpe-me senhorita, não falo seu idioma.

Senhorita falando em português;
– Perguntei se posso ajudá-lo senhor?

Emanuel surpreso com o português expressado com perfeição pela moça;
– Então a senhorita fala meu idioma? E muito bem por sinal.

Senhorita
– Aprendi com minha avó, que era portuguesa e meu avô francês, costumava desde pequena ficar brincando e conversando comigo neste idioma, ela sempre me dizia que nunca devemos esquecer-nos de onde viemos.

Emanuel
– Muito bem! Que felicidade encontrar uma pessoa na França que faça eu me sentir em casa. A senhorita trabalha aqui?

Senhorita
– Sim senhor, gostou de alguma coisa?

Emanuel
– Sim, claro, hammm... Poderia me ajudar a escolher flores para uma linda senhorita? É que nunca fiz isso.

Senhorita intrigada pergunta sorrindo;
– O senhor nunca mandou flores para uma moça? (Emanuel fica sem saber o que responder e a senhorita percebendo ter deixado o cavalheiro encabulado, abaixa a cabeça educadamente a fim de redimir-se). Desculpe-me senhor.

Emanuel
– Ah! Imagine, é que ela é uma moça muito especial, diferente de qualquer outra que já vi.

Senhorita
– Se me disser como ela é, talvez eu possa ajudá-lo.

Emanuel olha no fundo dos olhos da senhorita, apreciando-a e como quem estivesse hipnotizado, diz:
– Bem, a primeira vez que a vi, fiquei triste por ter passado tanto tempo sem saber que ela existia, e ao mesmo tempo quase explodi de felicidade por ter a chance de tê-la para mim. Quando olho para ela me acalmo e me desespero. Cada movimento que faz é doce, seguro, e o olhar dela incendeia meu corpo.

Senhorita despertando da hipnose provocada por Emanuel, um pouco sem graça responde:
– Nossa! O senhor parece estar apaixonado. Sei qual tipo de flor pode dar para esta moça tão especial.

Emanuel
– E qual seria?

Senhorita andando em direção às flores, Emanuel a segue;
Orquídeas. Com um grande número de variedades são conhecidas por sua beleza delicada e seu caráter exótico, elas possuem uma história intrigante e que desperta interesse. Os significados das orquídeas incluem o amor, a beleza, o luxo e a força. É particularmente um tipo elegante de flor se tornando um presente perfeito para muitas ocasiões. Sua aparência graciosa atrai a atenção imediata, e por ser uma flor exótica e incomum, invoca um sentido de refinamento e de inocência. Como existem muitas variedades de orquídeas a escolher, o senhor sempre encontrará uma que expresse a mensagem exata, seja para agradecer a alguém ou para revelar um sentimento mais profundo. Elas podem fornecer uma grande variedade de mensagens, porém, historicamente, elas incluem riqueza, amor e beleza. Hoje, os significados principais das orquídeas são o simbolismo à beleza rara, a delicadeza de seus encantos e misticismo que encantam os que a recebem. Poucas são as flores capazes de expressar estes sentimentos, eu recomendo no seu caso esta.

Emanuel extasiado;
– Hum... É linda!

Senhorita continua com seus profundos conhecimentos na área de flores e suas características;
- Isabelia Virginalis, de todas as orquídeas, só ela possui uma única espécie, atrevendo-me a dizer senhor, que assim como sua amada, ela é única.

Emanuel
– É exatamente como sinto que ela seja. Quero o maior buquê que já tenha arranjado senhorita.

A moça dá um leve sorriso e apanha as flores, levando-as para um balcão, ela pega uma grande folha de papel amarelo e embrulha as orquídeas, amarrando-as com uma fita branca. Emanuel põe a mão no bolso de seu terno executivo e apanha um grande volume de dinheiro, a moça não consegue disfarçar sua expressão de espanto, ele divide o dinheiro em duas partes, guardando uma no bolso e a outra ele dá para a moça.

Senhorita
– Não, não senhor! Isso é muito!

Emanuel
– A senhorita mostrou um grande conhecimento em flores, graças a sua dedicação ao que faz, hoje vou sair daqui sabendo mais de orquídeas do que esperava. (Emanuel separa duas notas do dinheiro a mais do que custaria o arranjo) Isto deve pagar o buquê. (Ele pega delicadamente na mão da senhorita como se estivesse com medo de quebrá-la, apoia as notas do dinheiro sobre esta e diz): Por ter sido tão dedicada e atenciosa comigo.

Senhorita com um olhar meticuloso responde;
– Eu não vou recusar senhor!

Emanuel sorrindo;
– Que bom, assim não vou precisar insistir. (A moça entrega o buquê para Emanuel, ele o segura com as duas mãos e aprecia, olha para a moça que está parada à frente dele e pergunta): A senhorita poderia me dizer sua graça?

Senhorita

– Sophie, senhor!

Emanuel apreciando a pronúncia do simples nome da simples senhorita como se estivesse degustando um vinho;
– Sophie, senhorita Sophie. (Com a voz ainda doce apesar do seu timbre ligeiramente rouco, ele estica seus braços com o buquê de flores para Sophie e diz): Por favor senhorita Sophie, aceite. Eu estava do outro lado da calçada quando meus olhos brilharam e meu coração disparou saindo pela boca assim que a vi, e nada se encaixa tão perfeito como essas flores agora, por sua beleza rara, a delicadeza de seus encantos, ao amor que brota. Estas flores são para a senhorita. Sophie, a mais bela das flores já cultivadas em qualquer jardim deste mundo.

Sophie, surpreendendo-se, encabula-se e sai de trás do balcão indo até Emanuel;
- Senhor, eu agradeço, mas estou trabalhando e não posso aceitá-las.

Emanuel segurando as flores junto ao seu corpo;
– Quando sair poderá aceitá-las?

Sophie pensa por alguns segundos admirando a expressão esperançosa e ansiosa de Emanuel;
– Só sairei daqui a três horas senhor.

Emanuel aliviado do suspense suspira e declara;
– Três horas não são nada por uma chance de passarmos o resto da vida juntos. Posso esperá-la?

Sophie sorri, pensa por mais alguns segundos e se surpreende com a própria resposta;
– Está bem senhor. (Emanuel se vira e caminha até a porta de saída da loja).

Sophie chamando-o;
– Monsieur!

Emanuel vira-se rápido, preocupado que a moça tenha mudado de ideia;
– Sim senhorita Sophie?

Sophie
– Como posso chamá-lo?

Emanuel sorri aliviado;
– Emanuel de Almeida, mas me chame apenas por Emanuel. (Sophie retribui ao sorriso do cavalheiro).

O tempo passava e Emanuel continuava de pé do outro lado da calçada de frente para a loja segurando o buquê. Sophie continuava seu trabalho vendendo as flores, uma amiga sua que também trabalhava na loja, chamada Madeleine, reparou o lindo cavalheiro que estava parado a mais de uma hora sem tirar os olhos dos movimentos de Sophie.

Madeleine se aproxima de Sophie e pergunta com certo interesse**;**
– Sophie, por que aquele cavalheiro está parado há horas de frente para a loja?

Sophie
- Por que eu saberia Madeleine?

Madeleine
- Ora, porque foi você quem o atendeu ainda a pouco. Não foi?

Sophie
- Sim, fui eu.

Madeleine
- Sabe se ele é solteiro?

Sophie desvia sua atenção das flores e olha para Madeleine que mostrou certa excitação e ansiedade com a resposta dela;
– Se quer tanto saber, por que você mesma não vai lá e pergunta? (Madeleine irritada com a resposta malcriada de Sophie logo esconde seus dentes e regressa para o seu posto).

Às três horas já haviam passado e Emanuel estava ansioso segurando as orquídeas. Sophie tinha sumido em uma pequena porta de madeira nos fundos da loja. Após uns cinco minutos, quando Emanuel desistira de contar as pedras da rua para se distrair enquanto a aguardava, levantou sua cabeça e mais uma vez ficou hipnotizado ao ver a bela francesa que atravessava a rua em passos graciosos como se estivesse caminhando sobre nuvens de algodão e com um leve sorriso em seus lábios.

Sophie de frente para Emanuel que estava extasiado com a beleza da moça diz;
– Deve estar mesmo interessado em me conhecer senhor. Não se cansou de esperar?

Emanuel
– Senhorita Sophie, sua beleza é tão estonteante que eu não abriria mão do privilégio de admirá-la.

Sophie abaixando a cabeça;
– Assim o senhor me deixa encabulada.

Emanuel leva sua mão até o queixo de Sophie e ergue sua cabeça;
– Não fique.

Emanuel oferece o buquê;
– Agora a senhorita pode aceitar?

Sophie sorri e pega o ramalhete;
– Obrigada! São lindas.

Emanuel
– Já recebeu flores de alguém?

Sophie
– Como estas não.

Emanuel convida a senhorita posicionando seu braço esquerdo a fim de recebê-la para um passeio;
– Poderia me acompanhar?

Sophie aceita o convite de Emanuel e de braços dados caminham passeando pela rua;
– Por que não?

Emanuel
– Então quer dizer que já recebeu flores de algum cavalheiro?

Sophie
-Sim, eu tinha cinco anos e o chamava de mon père.

Emanuel
– E o que seu pai faz?

Sophie
- O senhor disse que não falava francês.

Emanuel
- Antes de vir à França, tentei aprender um pouco, mas não posso dizer que domino o idioma.

Sophie com uma ligeira expressão de tristeza, retorna a falar sobre o pai;
– Ele foi embora quando completei quinze anos.

Emanuel redimindo-se;
– Perdoe-me, eu lamento muito.

Sophie volta à leveza de sua face;
– Está tudo bem.

Emanuel
– Não deve fazer muito tempo então, tens o rosto com a jovialidade de um anjo e a inocência de uma criança.

Sophie responde com as maçãs do rosto vermelhas de vergonha;
– Tenho vinte anos senhor.

Emanuel
– Por favor não me chame de senhor, assim me sinto um velho, me chame apenas por Emanuel.

Sophie sorri e dá uma contra resposta;
– Somente se o senhor passar a me chamar de Sophie.

Emanuel retribui o sorriso e ao chegar a uma praça próxima, observa um banco de madeira vazio e a convida para se sentarem;
– Sophie, donnez-vous La peine asseoir.

Sophie sentando-se**;**
– Merci senhor.

Emanuel sentando-se em seguida com Sophie gira seu corpo para o lado da moça;
– Já pedi para esquecer o senhor, me chame apenas por Emanuel.

Sophie sorrindo suavemente;
– Então Emanuel, quantos anos têm?

Emanuel
– Tenho apenas vinte e oito anos!

Sophie leva a mão até a boca abismada com a resposta do jovem;
– Nossa!

Emanuel
– Ah! Não sou tão velho assim para uma moça de vinte anos, sou? (Ele aguardou com ansiedade a resposta de Sophie que acabou concordando com um movimento negativo com a cabeça).

Sophie
- E o que faz por aqui, na França? Pergunto porque já trabalho há algum tempo na floricultura e nunca o vi.

Emanuel
– Como já deve desconfiar sou do Brasil, tenho uma fazenda de café no Rio de Janeiro que herdei do meu pai, e tenho exportado essa mercadoria para quase o mundo todo, não é a primeira vez que viajo, mas à França estou debutando, me hospedo no hotel de frente para sua loja e sou agraciado com a visão de um anjo.

Sophie muda de assunto, mais uma vez sorrindo sem graça;
– Então vai ficar pouco tempo na cidade?

Emanuel
– Apenas um mês.

Sophie
– Por que diz apenas? Eu não aguentaria ficar mais de uma semana longe da minha casa.

Emanuel acaricia o rosto de Sophie;
– Agora que a conheço, não dá vontade de ir embora, é como se eu tivesse achado o meu lar.

Sophie encara Emanuel nos olhos docemente e põe sua mão sobre a dele;
– Emanuel, acabamos de nos conhecer e suas palavras são de um homem apaixonado.

Emanuel tira sua mão e a de Sophie do rosto dela, segurando-a cuidadosamente a aperta contra seu peito;
– Consegue sentir ? É o meu coração gritando para que eu a beije.

Sophie recua sua mão carinhosamente e a apoia sobre suas pernas, olha para cima reparando que o céu estava ficando azul escuro;
– Nossa, já está quase escurecendo, tenho que voltar para casa antes que minha mãe perceba e sinta minha falta. (Sophie levanta-se).

Emanuel se levanta em seguida, não perdendo tempo pergunta;
– Será que eu poderia levá-la em casa?

Sophie pensa antes de responder;
– Por favor!

Sophie e Emanuel seguiram conversando até a casa da moça. Lá chegando, Emanuel se deparou com uma humilde casa branca que parecia que iria cair de tão velha. Suas janelas pintadas em azul claro, quase não dava para se distinguir a cor de tão desbotada, o jardim morto estava irrecuperável, os muros eram baixos e o pequenino portão de ferro também em azul já descascado rangia fazendo um som agudo que agredia os delicados ouvidos de Sophie toda vez que a bela senhorita o abria e fechava. Deprimia só de olhar aquela antiga construção abandonada, deprimia mais ainda Emanuel que imaginava Sophie morando naquele lugar horripilante.

Sophie virando-se de frente para Emanuel;
– Então, chegamos. É aqui que eu moro.

Emanuel que apesar de ter crescido no luxo, não se assustou com a realidade da moça;
– Bom, fica perto do hotel.

Sophie sorriu imaginando que o elegante e aparentemente rico cavalheiro se decepcionara ao ver sua pobre casa;
– Sim, estamos pertinho um do outro.

Emanuel brinca com a moça desejando que realmente aconteça;
– Assim, se acontecer alguma coisa... Se tiver pesadelos... Sentir saudades... Pode ir me visitar.

Sophie sorri mais uma vez e se despede de Emanuel não abrindo muito espaço para a continuação da conversa;
– Bom Emanuel, foi um prazer conhecê-lo.

Emanuel pega a mão de Sophie e curva-se para beijá-la;
– Pode ter certeza que o prazer foi todo meu Sophie.

Sophie se vira, abre o portão rangedor, o fecha e caminha para a grande porta de madeira de sua casa segurando o buquê de orquídeas, Emanuel aprecia a moça se distanciando, é quando ela se vira e pergunta:
– Vou vê-lo novamente?

Emanuel responde feliz com a pergunta da moça;
– Somente se você quiser.

Sophie o encara com uma das sobrancelhas metidamente levantadas e um sorriso puxado para o lado fingindo estar indecisa com a questão;
– Hummm...Eu adoraria!

Emanuel
– Eu mais ainda. Sonhe comigo, eu sonharei com você.

Sophie se despede e entra em sua casa, Emanuel se vira e segue para o hotel. Dentro da casa de Sophie, sua mãe Heloise de quarenta anos, que apesar da idade, aparentava ser muito mais velha por conta de uma doença sem cura que se estendia por todo corpo, estava sentada em uma cadeira de balanço a meia luz esperando Sophie chegar.

Heloise com uma voz cansada e preguiçosa;
- Com quem estava conversando no portão Sophie? Era um homem? Eu ouvi voz de homem. Não quero você conversando com um homem em frente ao portão da minha casa entendeu? Os vizinhos comentam, não quero ter que

ouvir os vizinhos falando que eu moro com uma meretriz, que a minha filha é uma perdida.

Sophie responde com um sorriso murcho por causa do mau humor de sua mãe;
– Não era ninguém mãe.

Heloise levanta-se da cadeira e em passos lentos e cansados caminha até a janela para olhar lá fora;
– Eu estou doente, não maluca garota. Não quero saber de você conversando com ninguém. (Ela enfatizou). Com ninguém, escutou?

Sophie que agora caminhava para uma porta onde ficava a espremida cozinha da casa, encontrou um prato de sopa fria sobre a pia;
– Sim. A senhora já comeu?

Heloise seguindo Sophie;
– Claro que sim, não precisa se preocupar comigo, eu sei me cuidar sozinha. Por que chegou tarde hoje?

Sophie devorando a sopa;
– A loja estava muito movimentada mamãe. Só pude sair quando os clientes acabaram.

Heloise caminhando para seu quarto;
- Você agora deu para mentir como era o cafajeste do seu pai é? Eu sempre soube que você era igual a ele. Acho bom ser verdade o que estás dizendo, sabe que os vizinhos comentam, mais cedo ou mais tarde a verdade sempre aparece, ninguém consegue esconder nada da sua própria mãe.

E a velha rabugenta bateu a porta trancando-se em seu quarto.
Sophie terminou o prato de sopa fria e logo seguiu para o banheiro, tomou banho, vestiu-se, forrou o sofá e deitou-se, antes que reparasse, já estava pensando em Emanuel, em como ele era gentil, cativante e se vestia bem, além de muito bonito, a bela sorriu e deu seu último suspiro antes de cair em um profundo sono.

Em sua suíte de hotel, Emanuel com trajes de dormir, sem camisa, separava e lia alguns papéis sentado em uma mesa de madeira bruta perto da janela, quando pensou nas orquídeas, o que reforçou a lembrança de Sophie em sua memória, ele se levantou e seguiu até as cortinas brancas e transparentes da enorme janela do quarto que dançavam com o vento gélido

que invadia o ambiente, olhou para fora e para baixo. Vendo a floricultura, fechou a janela e as cortinas, apagou as luzes e se deitou cobrindo-se com a macia e acolhedora coberta do hotel, fechou os olhos e antes que a imagem de Sophie lhe fugisse da memória, adormeceu.

No dia seguinte Emanuel estava acabando seu café da manhã no quarto quando o gerente do hotel bateu em sua porta.

Emanuel
– Entre!

Gerente abre a porta e entra;
– Bom dia senhor!

Emanuel respondeu sem olhar para o gerente e sem lhe dar muita atenção, distraído com alguns papéis e seu café amargo;
– Bom dia!

Gerente
– Vim perguntar ao senhor o que está achando do atendimento do hotel? Quer que troquemos algo? Alguma coisa o está incomodando?

Emanuel pondo sua xícara na mesa e não tirando os olhos dos papéis;
– Não, não há nada me incomodando.

Gerente
– Ótimo. O senhor Jean Le Duc pediu-me para informar que já chegou e o espera no saguão do hotel.

Emanuel continua não tirando os olhos dos papéis em sua mão;
– Obrigado, diga-lhe que estarei descendo em alguns minutos.

Gerente
– Sim senhor. Com licença.

O gerente saía enquanto Emanuel se levantava. Ele que já estava vestido com um de seus ternos, após levantar-se recolheu a papelada espalhada na mesa organizando-a dentro da sua pasta de couro e a fechou. Antes de sair deu uma olhada pela janela para ver se avistava Sophie, mas a lojinha de flores ainda estava fechada por ser muito cedo, então apanhou a pasta e deixou uma nota na bandeja do café que acabara de tomar. No saguão encontrou-se com Jean, o mesmo homem que o pegara no navio, eles se

cumprimentaram e foram para frente do hotel onde em um veículo seguiram além.

Às quatro horas da tarde, Sophie já estava mais que incomodada com a ansiedade que corroía seus pensamentos por Emanuel não ter aparecido. Estava quase na hora da moça encerrar o expediente de trabalho, com os braços sobre o balcão, sendo que o direito estendido para cima e a mão como um travesseiro recebendo seu rosto ligeiramente inclinado, Sophie viajava em suas dúvidas sobre o paradeiro de Emanuel, afinal por que o tão romântico cavalheiro havia sumido durante todo o dia? Ao encerramento da lida, a jovem se despede de Madeleine desanimada, tomando o rumo triste ao seu casebre e uma noite de sono com a ausência de sonhos e flores.

No final da tarde do dia seguinte, Sophie estava saindo da floricultura e ao olhar para o outro lado da calçada vê Emanuel atento a sua saída, ela disfarça e finge não ter visto o moço e continua caminhando normalmente para sua casa, Emanuel não entende a reação da moça e caminha em passos apressados para alcançá-la. Ele a chama pela primeira vez. Ela não o reponde e continua caminhando. Então ele se aproxima andando ainda mais rápido e a segura pelo braço.

Emanuel
– Sophie! (Sophie para de cabeça baixa e não o responde);

Emanuel não entende porque a moça o estava tratando assim tão indiferente;
- Hei Sophie! Por que não falou comigo? Por que estás tão brava?

Sophie levantando sua cabeça e olhando diretamente para os olhos de Emanuel;
- Não estou brava, apenas fiquei triste quando percebi que o senhor não iria aparecer ontem. Então fiquei me perguntando o que fiz de errado? Já que foi tão cavalheiro comigo me dando as flores, me esperando por tantas horas apenas para me conhecer, disse que nos veríamos ontem e eu o esperei, estou decepcionada. Cheguei a pensar que talvez nunca mais eu fosse vê-lo.

Emanuel solta o braço de Sophie e fica de frente para a moça pegando em sua mão;
– Pardon Sophie, eu não quis deixar-te triste. Se aceitar ir até a praça comigo, prometo que vou te explicar tudo. (Sophie abaixa a cabeça olhando para a mão de Emanuel que estava segurando a sua pensando na resposta que iria dar). Por favor, perdoe meu erro e deixe-me redimi-lo.

Sophie levanta a cabeça e envolve sua mão no braço de Emanuel;
– Está bem, podemos ir.

Eles chegam na praça e se sentam novamente no banco de madeira.

Emanuel começa a se explicar segurando a mão da moça;
– Sophie, já disse que tenho fazendas de café e que exporto essa mercadoria, estou aqui a negócios, tenho reuniões que não tem hora para acabar e muitos jantares com pessoas importantes, você é muito importante para mim, mas infelizmente não posso deixar de fazer o que vim fazer. Ontem saí muito cedo do hotel porque tinha uma reunião com um comprador e só terminou após ter anoitecido, quando cheguei você já tinha ido embora, tenho feito contratos e passo as minhas longas noites solitárias estudando-os, meu pai que era o responsável por tudo isso faleceu há dois anos, desde então tenho tomado partido de tudo, apesar de já estar há algum tempo no mercado, sinto que tenho que ter o controle de tudo e para isso preciso passar horas em reuniões, por mais que eu queira passar o dia todo de pé em frente a sua loja só para ficar olhando para você. Perdoe-me se eu a entristeci e não cumpri com a minha palavra de ir vê-la ontem, espero que me entenda.

Sophie sorri docemente;
– Está tudo bem, confesso que não sei bem como funciona a vida de um grande exportador de café, mas sinto-me mais aliviada agora que me explicou um pouco da sua rotina.

Emanuel após a explicação, ainda acariciava a mão de Sophie;
- E o que mais não sabe como funciona?

Sophie pensa por alguns segundos**.**
- Hummm... Na verdade a única coisa sobre a qual tenho domínio são as flores!

Emanuel solta uma baixa gargalhada;
– Isso porque você é uma delas.

Sophie recordando-se;
– Na verdade meu pai era dono da loja onde trabalho hoje, e cresci ouvindo as histórias das orquídeas, rosas e margaridas.

Emanuel bastante interessado na vida da moça;
– E o que houve?

Sophie
– Ele vendeu a loja para fugir com uma mulher estranha, depois disso minha mãe adoeceu e as coisas só tem piorado de lá para cá, mal tenho tido tempo para trabalhar, já que a cada ano que passa ela fica mais doente.

Emanuel
– No meu caso quando meu pai faleceu minha mãe não aguentou, ela sofria demais, não queria mais sair do quarto, não queria comer, e não tolerava os criados, ela só durou alguns meses depois da morte dele.

Sophie entristecida com a história de Emanuel ;
– Imagino que deve se sentir sozinho, é como me sinto. Eu me dava muito bem com meu pai, porém minha mãe nunca gostou muito de mim e depois que ele foi embora nosso relacionamento só piorou.

Emanuel traçando seus brutos dedos nos dedos delicados e longos de Sophie;
– Se depender de mim não vai mais se sentir sozinha.

Sophie dá um salto do banco e diz aflita;
– Nossa! Perdi completamente a noção da hora, minha mãe vai brigar comigo!

Emanuel levantando-se e seguindo Sophie que andava apressada;
– O que foi que aconteceu?

Sophie andando rápido com passos largos;
– Não posso chegar tarde em casa Emanuel, minha mãe não gosta que eu fale com estranhos, principalmente homens!

Emanuel acompanhando Sophie;
– Então amanhã posso passar na loja?

Sophie
– Amanhã eu não trabalho, é minha folga.

Emanuel
– Então como faço para vê-la?

Sophie
– Me espere na praça no final da manhã.

Emanuel chegando próximo ao hotel pergunta;
– Posso levá-la em casa então?

Sophie
– Não! Está louco? A essa hora minha mãe deve estar na janela me esperando, se ela o ver estarei perdida!

Emanuel segura Sophie pelo braço freando-a e ambos param em frente a porta principal do hotel;
– Então dormirei ansioso por amanhã.

Sophie aliviando sua expressão de preocupada;
– E eu dormirei logo para que a noite passe mais rápido.

Emanuel larga Sophie após alguns segundos admirando seu lindo rosto, às pressas a moça caminha até sua casa. Chegando lá, assim que a menina abre a porta sua mãe logo grita.

Heloise
– Onde você estava Sophie? Não estava trabalhando que eu sei porque Madeleine já chegou faz tempo, e ela me disse que você saiu antes dela.

Sophie fecha a porta e segue direto para a cozinha onde novamente vê um prato de sopa fria;
- Mamãe, eu fui andar um pouco na praça...

Heloise curvada por conta das fortes dores nas costas segue Sophie e a interrompe;
– Moças decentes não passeiam sozinhas em praças. Você estava com um homem?

Sophie tomando sua sopa;
– Não mãe, não estava. Quando saí da loja encontrei Catarine que estava com o irmão, ela me convidou para conversarmos na praça.

Heloise virando as costas e voltando para a sala;
– Eu não acredito em você. Se eu souber que esteve andando com um homem por aí, eu não responderei por mim, posso estar doente, mas ainda consigo impor minha autoridade nesta casa.

A senhora cansada segue para seu quarto batendo a porta como de praxe.

Emanuel subia as escadas de seu quarto quando desatentamente esbarrou com uma dama vestida nobremente, derrubou sem querer sua pequena bolsa e em um gesto cavalheiresco curvou-se para apanhá-la, ao se levantar fixou seu olhar no belo rosto maduro da senhorita que com uma voz sensual o agradeceu, o moço não pôde esconder sua admiração pela beleza da moçoila, mas logo lembrou-se de Sophie e seguiu para seu quarto. Ele abriu a porta e pôs sua pasta sobre a mesa, seguiu para o toilet, abriu as duas torneiras banhadas em ouro da confortável banheira, despiu-se, entrou nesta mergulhando seu corpo e ficando submerso. Depois de ter relaxado na água morna, enxugou-se indo direto para a cama dormir.

No dia seguinte, Emanuel e Sophie se encontraram no local marcado seguindo para um passeio em um jardim secreto ali perto onde poucas pessoas costumavam circular. O grande jardim verde com inúmeras variedades de flores e árvores escondia-se por trás de um portal de pedras com trilhas para longas caminhadas. Os apaixonados perambulavam romanticamente quando de repente Emanuel a puxa pelo braço, ficam de frente um para o outro, o tempo congela, olho no olho, ambos se aproximam até encostarem os lábios um no outro suavemente e o beijo tão esperado sela finalmente o começo de uma linda história. A partir daí, o lindo casal passara a se ver todos os dias, aproveitando todo o tempo que tinham para viverem o que de mais bonito marcaria a vida de ambos.

Dezesseis dias depois do primeiro beijo, no ápice do ardor da paixão o brasileiro convida a namorada para subir a seu quarto, a princípio ela reluta em ceder ao convite, mas não demora muito e a jovem de tão apaixonada acata sua vontade, que vai além dos limites da razão. Sorrateiramente Emanuel disfarça no saguão do hotel, certo de que não havia ninguém olhando, com um gesto chama Sophie e os dois correm para o andar de cima. Já no quarto, caem na gargalhada, mas logo se dão conta de que estão sozinhos, e um silêncio domina o ambiente, o amante então dá um angelical beijo em sua amada e recua seu rosto aguardando a reação da moça que por sua vez leva a mão até os botões da camisa do rapaz, e desabotoando um por um, o beija na boca, ele a retribui tirando seu corset e à conduzindo até a cama onde deita-se por cima dela, sem deixar de sentir o ardor da paixão que os devorava naquele momento, chegam ao ápice e o amor se esbanja em gozar todo o sentimento que estava acumulado desde que se conheceram. Terminado o ato fatídico e delicioso de prazer, eles ficam na cama sem palavras, somente observando um o rosto do outro, realizando carícias como se estivessem tentando gravar cada milímetro de cada parte do corpo de cada um para que aquele dia fosse perpetrado em suas memórias para sempre.

Deste dia até o dia anterior da partida do brasileiro de volta ao seu país de origem, o casal desfrutou dos últimos dias se amando e mantendo a intensidade do prazer que descobriram entre eles para que ficassem marcados para sempre em suas memórias fixando a esperança de voltarem a se ver em breve. Chegada a hora da partida, Emanuel e Sophie se encontram no Porto de Bordeaux para a despedida antes do embarque, o navio já estava ancorado aguardando os passageiros e enquanto isso, o romântico rapaz tira uma caixinha preta aveludada de dentro de seu paletó e a entrega para sua amada, ela abre e se depara com uma jóia rara, a mais linda pedra que já vira em toda sua vida, um colar com um rubi pendurado na ponta em formato de coração com acabamento em ouro puro e diamantes ao seu redor.

Emanuel
– Sophie, esta preciosidade se chama rubi, é a mais antiga das pedras, as lendas dizem que possui uma chama interna e é considerada extremamente sagrada assim como o nosso amor. Antigamente ela era usada pelos gladiadores para estancar sangramentos, se algo a machucar um dia, lembre-se que eu estarei com você junto ao seu peito. Além de tudo isso, ela é muito dura, representando a bravura e a força, a bravura e a força do nosso amor. Não quero que você me esqueça, nem deixe cair no vazio este amor que nos domina como um furacão de sentimentos no qual deve ser perpetuado como em uma redoma onde ninguém penetrará. Vou para o Brasil com você no meu coração e pensamentos para sempre, até o dia que nos encontraremos novamente para darmos continuidade a nossa história. Eu te amo!

Sophie
– Ora Emanuel, falando assim, parece que nunca mais nos veremos. Pode ficar certo que você é e será sempre meu amor eterno. Eu te amo e nada nem ninguém mudará isto para o resto da minha vida.

Eles se abraçam e se beijam enquanto um fotógrafo aproveita a oportunidade e pergunta ao casal se não querem tirar uma foto, Emanuel responde que uma não, mas duas, pois quer deixar este dia registrado para os dois a fim de que nunca mais se esqueçam e possam admirar-se todos os dias até o dia em que se reencontrem novamente. Ele põe o colar envolto ao pescoço de Sophie e se posicionam para a foto que pararia o tempo como um marco de uma linda história de amor, as duas fotos após reveladas são entregues pelo fotógrafo ao casal, Emanuel paga ao profissional dando uma gorjeta a mais por estar satisfeito com a imagem bem reproduzida, e se despede definitivamente de Sophie, abraçando-a, beijando-a como se não quisesse partir, mas com a consciência de que não havia outro jeito, pois o

vapor começava a soltar o som da partida com seus apitos longos em sequência e o comandante lá no alto da rampa de embarque avisando aos gritos “Vamos zarpaaarrrr!”. Terminam a despedida com lágrimas nos olhos, mas com amor no coração e a certeza de que um dia voltariam a se encontrar, ele dá o último beijo em Sophie e embarca. Lá de cima, já com a rampa recolhida, o navio começa a se movimentar em partida e ambos acenam e mandam beijos amorosos da despedida final, o navio se afasta aos poucos e Sophie só se retira quando não consegue mais ver a embarcação no horizonte.

Dois meses depois, Sophie estava na floricultura arrumando as margaridas quando sentiu uma forte tonteira e se sentou em um banquinho próximo.

Madeleine se aproxima curiosa;
– Você está bem Sophie?

Sophie com a cabeça baixa e as mãos segurando fortemente a cadeira;
– Não é nada, só fiquei um pouco tonta. (Madeleine volta a seu trabalho estranhando o acontecido).

Mais tarde na casa de Sophie, Heloise estava em sua cadeira de balanço fazendo crochê quando a jovem chegou.

Sophie entrando na casa;
– Olá mãe!

Heloise responde como se estivesse falando com um fantasma;
– Olá.

Sophie senta em uma cadeira de madeira e desabafa;
– Nossa! Como estou me sentindo cansada.

Heloise levanta a cabeça reparando na filha;
– Cansada? Jovem e cansada? Hã...Cansada estou eu, você está é ficando gorda. Por falar nisso, não vai tomar a sua sopa?

Sophie com os pés acomodados para cima;
– Não estou com fome.